

# O que a volta de Trump pode representar para a América Latina?<sup>1</sup>

CECÍLIA DIAS

---

1. Esta análise foi realizada no início de fevereiro, período anterior ao “Liberation Day” e a outros eventos correlatos a tarifação.

---

2. Tradução mais adequada para “democratic backsliding”, fenômeno estudado pela autora.

Quatro anos se passaram desde o dia 06 de janeiro de 2021, data marcada pela invasão do Capitólio em Washington, um ato perpetrado por facções do extremismo político e da supremacia branca. Em qualquer nação democrática de direito, espera-se que os responsáveis por tais eventos sejam severamente punidos, especialmente as autoridades públicas cúmplices da invasão. No entanto, os Estados Unidos da América (EUA), nação que, teoricamente, representa globalmente os ideais de liberdade, justiça e democracia, demonstraram ser possível reeleger como presidente o mesmo líder que incitou tais atos antidemocráticos: Donald Trump, o primeiro presidente da história dos EUA a não possuir experiência prévia política ou militar.

A volta de Trump marca, indubitavelmente, uma nova época, e talvez mais perigosa, na política internacional. A principal potência do mundo tem novamente a liderança política de um direitista radical que conturba uma era de cooperação e de interdependência já fragilizada — principalmente na América Latina, em decorrência de uma longa era de retrocesso democrático<sup>2</sup> (Bermeo, 2016). Assim, em seus primeiros atos do mandato, Trump já conseguiu ameaçar o total fechamento das fronteiras com o México e tarifar produtos de diferentes nações. Para ele, “tariff is the most beautiful word in the dictionary”.

As prioridades norte-americanas para a América Latina, desde a década de 1980, são marcadas por três pilares: livre mercado, segurança e influência (De La Fuente, 2017). Com base nisso, esta análise propõe examinar de que modo a reeleição de Trump representaria uma mudança nas relações externas com o eixo latino-americano. Para tal, serão visualizados os principais pontos da relação com a região durante seu primeiro mandato. Conclui-se que o “Corolário Trump” retornará, com ainda mais potência, pelos próximos anos; e que a região se reestruturará diante das vulnerabilidades em relação aos EUA.

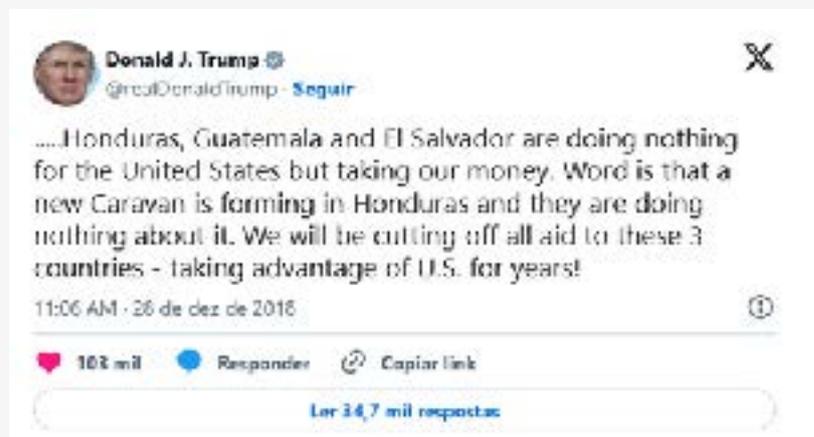
## Primeiro mandato: a inauguração do “Corolário Trump”

O primeiro mandato de Trump (2016–2020) foi marcado por um excessivo personalismo político, com o uso desenfreado de redes sociais; por medidas protecionistas; e por obstinadas promessas de campanha. Seu slogan, *America First*, espelhou a intencionalidade do credo de restauração da grandeza da nação no hemisfério, já corroída historicamente (Dias, 2024). Não obstante, a configuração das relações regionais foi marcada por uma falta de prioridade estratégica e, segundo Cepik (2019), pela nova alcunha do Corolário Roosevelt, o ditame que ampliou a Doutrina Monroe (“América para os americanos”) para justificar intervenções (Política do “Big Stick”), em “Corolário Trump”, o qual mescla a retórica anticomunista a valores sociais neofascistas e interesses patrimoniais e tecnocráticos.

Durante a fase inicial de seu mandato, um dos primeiros atos de ruptura para com a região foi a retirada dos EUA do Acordo de Associação Transpacífica (TPP), criado para fortalecer a integração das economias do Pacífico, com países como o Peru, o Chile e o México. Além disso, foi realizada a renegociação do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), considerado, por Trump, como o “pior acordo já assinado”. Com a nova redação, foram adicionadas cláusulas mais rígidas em matérias ambiental e industrial, com o fito de beneficiar o governo norte-americano, e a mudança do nome para Acordo Estados Unidos–México–Canadá (USMCA). Desse modo, o caráter ostensivamente protecionista do líder tensionou a integração comercial da região (BBC, 2017; Mariano et al., 2019).

A excessiva desconfiança de Trump acerca do multilateralismo marcou, também, as relações exteriores de seu mandato. A ausência do líder na Cúpula das Américas em Lima, Peru, simbolizou a primeira vez em que um presidente norte-americano não foi ao encontro, em que seu vice, Mike Pence, foi enviado para representá-lo. Vale salientar que Trump visitou a América Latina somente uma vez nesse mandato: a Argentina, em 2018, para a reunião do Grupo dos Vinte (G20). Na ocasião, o breve encontro com o ex-presidente Mauricio Macri foi tratado como uma demonstração de desprezo do líder perante as relações exteriores (Cepik, 2019).

Ademais, o corte do apoio financeiro direcionado aos países do Triângulo Norte — El Salvador, Guatemala e Honduras —, que patrocinava programas de redução das desigualdades locais, enunciou a obstinação de Trump para com suas promessas de campanha. A redução do orçamento do Departamento de Estado para programas de desenvolvimento, com cortes de 28% em 2018 e de 26% em 2019, representou um embaraço na governança da região (Ayerbe, 2019). Tais tratativas visavam, principalmente, pressionar esses países para a contenção da imigração irregular — uma das prioridades do mandato —, o que é contraproducente, se considerado que mais indivíduos desejarão sair de seus países enquanto políticas de redução de desigualdades e de violência diminuïrem.



Publicação de Donald Trump no X (antigo Twitter). “Cortaremos toda ajuda a esses 3 países — que tiram vantagens dos EUA há anos!”

No que tange à migração, a implementação de políticas de “tolerância zero” com imigrantes pelo ex-Secretário de Justiça, Jeff Sessions, reverberou no aumento substancial de pessoas detidas na fronteira e na deportação em massa. Um ponto marcante dessa medida, além da desenfreada infração aos direitos humanos, foi a inicial separação de filhos e de pais imigrantes durante o processo jurídico. Inúmeras foram as organizações e líderes internacionais que condenaram esta medida, revogada mediante ordem executiva (HRW, 2018).

Nesse cenário, indivíduos advindos do México foram os mais afetados, tanto política quanto socialmente. A fronteira de mais de 3 mil quilômetros com o país abria, segundo Trump, “espaço para o trânsito de terroristas e traficantes”, e, como contenção, foi formalizada a promessa de construção de um muro pela sua extensão, vigilada por militares. Assim,

essa mudança no tratamento migratório trouxe à tona não somente implicações jurídicas, mas refletiu no aumento do preconceito e da estigmatização contra populações latinas.

No campo das políticas antidrogas, essa agenda resultou em um combate ostensivo ao desmantelamento de redes do crime organizado transnacional (COT). A Colômbia e o México foram pressionados a intensificar suas políticas internas, enquanto a Venezuela e a Bolívia, classificadas como países que “falharam de maneira demonstrável” no combate ao narcotráfico. Nesse contexto, o endurecimento de sanções contra esses parceiros da Rússia e da China indicou que a medida esteve atrelada a interesses geopolíticos (El País, 2017).

As externalidades negativas das medidas migratórias e antidrogas — aumento da violência, das desigualdades sociais e infrações deliberadas aos direitos humanos — refletiram no contínuo enfraquecimento das instituições democráticas regionais. Com isso, o uso de estratégias repressivas e militarizadas, ao invés de promover segurança e estabilidade, retroalimentou ciclos de violência e de marginalização, exacerbando as crises sociais e fortalecendo redes do COT que se beneficiam do caos institucional.

Concernente ao campo extrarregional, situaram-se em local de destaque na segurança as ameaças que Rússia e China representam perante o predomínio norte-americano no hemisfério. Desse modo, nações latino-americanas na órbita de influência sino-russa, em especial, Venezuela, Cuba e Nicarágua — denominadas “troika do terror” pelo ex-Conselheiro de Segurança Nacional, John Bolton —, foram postas a um nível de maior alerta (White House, 2017; BBC, 2018).

As severas sanções à Venezuela dispuseram um endurecimento com a nação e uma maior substância ao isolacionismo proposto, econômica e diplomaticamente, pelos EUA contra o governo de Maduro. E, com relação ao país, Trump foi o primeiro chefe de Estado a reconhecer o líder da oposição venezuelana, Juan Guaidó, como presidente interino. À Cuba e à Nicarágua também foram direcionadas medidas semelhantes, incluindo sanções econômicas e restrições diplomáticas, corroendo a estabilidade política e econômica desses países e ampliando as tensões geopolíticas na região (BBC, 2019).

Sem embargo, houve receptividade de diferentes líderes

latino-americanos com relação às rígidas políticas de Trump. De Andrés Manuel López Obrador (AMLO), no México, a Jair Bolsonaro, no Brasil, as alianças políticas na região não se deixaram influenciar pelos embates ideológicos dos EUA. Nesse sentido, os EUA ainda permaneceram como principal parceiro econômico de boa parte dos países, apesar do recrudescente destaque regional angariado pela China.

Nayib Bukele, presidente de El Salvador, por exemplo, considerava Trump um aliado “amável e genial”. No Brasil, Bolsonaro era visto internacionalmente como o “Trump dos Trópicos”. Os outros líderes do Triângulo Norte — Juan Orlando Hernández, em Honduras; e Jimmy Morales, na Guatemala — também alinharam-se ideologicamente ao governo norte-americano, especialmente no que tange a políticas de segurança e controle migratório (BBC, 2019; Cepik, 2019).

Essa aproximação não ocorreu isoladamente, mas em um contexto mais amplo de relações assimétricas entre os EUA e a América Latina. Em geral, as relações dos EUA com os países da região são marcadas por um imperialismo estrutural e histórico (Cepik, 2019), no qual a influência norte-americana se manifesta tanto por meio de parcerias estratégicas quanto por pressões econômicas e diplomáticas.

No contexto do primeiro mandato de Trump, a barganha e o uso de uma retórica coercitiva na política externa — inspirada, em grande parte, no livro “Trump: A Arte da Negociação” (1987) — reforçaram uma dinâmica de dependência e apreensão. Além disso, outro fator se destaca nessa equação: a ascensão da direita radical e o avanço de tendências autocráticas na região, fenômenos analisados com profundidade por Urbano (2025).

Portanto, a política do primeiro mandato de Trump para a América Latina caracterizou-se por uma abordagem voraz e unilateral. A ausência de diretrizes claras e a falta de compromisso com o multilateralismo resultaram em imprevisibilidade e em repressão como marcas notáveis de seu primeiro mandato. Isso posto, uma postura intervencionista em relação a governos considerados hostis e uma abordagem fortemente protecionista no comércio e na imigração robusteceram o Corolário Trump.

## Segundo mandato: a América Latina em vulnerabilidade?

Neste segundo mandato (2025–2029), o slogan Make America Great Again (MAGA) sinaliza o ímpeto, novamente, pela ressurgência norte-americana, o qual se sustenta internamente pelo insuflamento da xenofobia e do ultraconservadorismo. Esse cenário reforça a tendência radical observada em seu primeiro governo, ampliando a margem de atuação do líder norte-americano na América Latina, sob um contexto internacional de giro autoritário. Ainda, com a retomada de políticas tarifárias agressivas e a intensificação da repressão a migrantes, a região parece se tornar o alvo dessas ações de Trump.

Nesse sentido, a escalada do anúncio de tarifas sobre produtos importados, especialmente do México — que enfrentaria taxações de 25%, até a data que essa análise foi escrita —, evidencia o desinteresse de Trump em manter acordos econômicos multilaterais, como o USMCA (BBC, 2025). Contudo, em uma conjuntura interna de inflação crescente e de erosão do poder de compra, o encarecimento de produtos importados não se apresenta como uma estratégia adequada, tendendo a gerar impactos negativos tanto para os EUA quanto para seus parceiros comerciais.

Ademais, o governo Trump congelou todos os programas de assistência externa existentes e suspendeu qualquer nova ajuda até a conclusão de uma revisão dessas iniciativas (The Guardian, 2025b). A suspensão desses recursos tende a agravar crises em curso, ampliando desigualdades e fragilizando instituições locais, especialmente em nações com economias mais vulneráveis da região. Tal medida, aliada ao corte de investimentos e ao aumento de tarifas, reforça a percepção de que a América Latina é vista como secundária na agenda de prioridades de Trump, exceto quando seus interesses estratégicos ou geopolíticos estão em jogo.

Nessa senda, durante uma coletiva na Casa Branca, ao ser questionado sobre a relação com a América Latina, Trump declarou que “eles [América Latina] precisam de nós mais do que precisamos deles” (G1, 2025). Demonstra-se, conseqüentemente, uma postura que reflete a visão unilateral e pragmática norte-americana, priorizando seus interesses em detrimento da cooperação regional.

No que diz respeito à agenda migratória, foram novamente implementadas políticas que refletem uma espécie de “macarthismo” contemporâneo, na qual os imigrantes se tornam o principal alvo. Dentre as primeiras medidas, retomaram-se as deportações em massa; a perseguição e a fiscalização ostensiva; e, como novidade, a tentativa de encerrar a cidadania automática para filhos de imigrantes, situação prevista no artigo 14 da Constituição: “Todas as pessoas nascidas ou naturalizadas nos Estados Unidos, e sujeitas à sua jurisdição, são cidadãos dos Estados Unidos e do Estado em que residem” (The Guardian, 2025a).

Além disso, a retórica coercitiva, que caracteriza a política externa de Trump, foi utilizada ainda antes de sua posse, em 20 de janeiro. O presidente manifestou a intenção de recuperar o controle do Canal do Panamá, visando conter a influência chinesa, e propôs renomear o Golfo do México como “Golfo da América”, em um claro sinal de nacionalismo expansionista. Na mesma linha, em entrevista na Costa Rica, o Secretário de Estado, Marco Rubio, destacou que “uma das prioridades é garantir que a política externa dos EUA seja uma política em que é melhor ser amigo do que inimigo; é melhor ser aliado do que alguém que cria problemas” (BBC, 2025).

É importante pontuar que Trump, neste mandato, opera mais fortemente com grandes empresas de tecnologia (Big Techs), utilizando suas redes como ferramentas para amplificar sua retórica e manipular narrativas. Valendo-se de uma dinâmica ainda mais agressiva, outros líderes de direita radical na região também adotam práticas semelhantes via redes sociais, reforçando tendências autoritárias, como Bukele (Boaventura, 2025). Essa práxis, comum na era de desinformação e de polarização, contribui para a erosão das instituições democráticas e para o aprofundamento das crises políticas e sociais na América Latina. Assim, a região enfrenta um período de ainda maior vulnerabilidade, com impactos que podem ser duradouros em seu desenvolvimento e em sua autonomia.

Desse modo, em resposta à pergunta do título, a volta de Trump pode representar uma ameaça poderosa na região. Nações vulneráveis a retaliações comerciais tenderiam a redirecionar fluxos de investimentos e comércio, o que minaria consequências mais profundas. No entanto, essa reconfiguração não ocorre sem impasses, já que a influência histórica, geopolítica e comercial dos EUA na região ainda é um fator determinante.

Em suma, o segundo mandato de Trump tende a enfatizar

os preceitos do Corolário Trump, especialmente diante de um cenário global marcado por tensões geopolíticas e por um crescente giro autoritário. A região, já fragilizada por desigualdades estruturais e por instabilidades políticas, pode enfrentar um período de ainda maior incerteza e vulnerabilidade, com impactos duradouros em seu desenvolvimento e autonomia.

## Considerações finais

Há de se esperar, com a volta de Donald Trump, a amplificação de cenários de imprevisões e de coercitividades para com a região. Se em seu primeiro mandato suas políticas já foram marcadas por um protecionismo agressivo e por uma retórica coercitiva, além da desestabilização de acordos multilaterais, o segundo mandato promete aprofundar essas tendências, consolidando a América Latina como uma das principais afetadas pela sua agenda unilateral e nacionalista. Logo, a combinação de políticas tarifárias, cortes de assistência externa e intensificação da repressão migratória tende a agravar as desigualdades estruturais e as fragilidades institucionais já existentes. Ademais, o vácuo de influência regional tende a ser progressivamente ocupado por outras potências, como a China vem realizando.

## Referências

---

AYERBE, LF. La Política de la Administración Trump para América Latina: ¿Reinvención de la Doctrina Monroe? **Revista Tempo do Mundo**, v. 5, n. 1, p. 225-240, 2019.

BBC. O que é o TPP, o acordo econômico entre 11 países do qual Trump retirou EUA. **BBC News Brasil**, 24 jan. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-38729570>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BBC. John Bolton: quem é o primeiro emissário de Trump a se encontrar com Bolsonaro no Brasil. **BBC News Brasil**, 29 nov. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46383150>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BBC. 'Apenas o porrete': os resultados do 'método Trump' de negociar. **BBC News Brasil**, 06 fev. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cz6p2x0w4zwo>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BBC. Crise na Venezuela: como a estratégia de Trump no país se assemelha à antiga política dos EUA para Cuba. **BBC News Brasil**, 22 fev. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47326658>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BERMEO, N. On democratic backsliding. **Journal of democracy**, v. 27, n. 1, p. 5-19, 2016.

BOAVENTURA, G. Narrativas e Autoritarismo: uma análise do Governo Bukele. **Revista PETREL**, v. 7, 2025.

CEPIK, M. O corolário Trump e a América Latina. **Revista Tempo do Mundo**, v. 5, n. 1, p. 241-265, 2019.

CNN. Relembre como foi a presidência de Donald Trump. **CNN Brasil**, 10 fev. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eleicoes-nos-eua-2024/relembre-como-foi-a-presidencia-de-donald-trump/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

DE LA FUENTE, E. US Foreign Policy Towards Latin America Under Trump: Beyond Business as Usual. **Llorente & Cuenca**, 2017.

DIAS, C. **New challenges, new threats: Os desafios do futuro presidente norte-americano**. Disponível em: <https://petrel.unb.br/destaques/234-new-challenges-new-threats-os-desafios-do-futuro-presidente-norte-americano>. Acesso em: 31 mar. 2025.

EL PAÍS. Departamento de Estado: "EUA sofrem a pior crise de drogas desde os anos 1980". **El País Brasil**, 04 mar. 2017.

# Referências

---

Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/03/internacional/1488567533\\_012882.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/03/internacional/1488567533_012882.html). Acesso em: 10 fev. 2025.

GI. "Eles precisam de nós mais do que precisamos deles", diz Trump sobre Brasil e América Latina. **GI**, 20 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/01/20/eles-precisam-de-nos-mais-do-que-precisamos-deles-diz-trump-sobre-brasil-e-america-latina.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2025.

HRW. Q&A: Trump Administration's "Zero Tolerance" Immigration Policy. **Human Rights Watch**, 16 ago. 2018. Disponível em: <https://www.hrw.org/news/2018/08/16/qa-trump-administrations-zero-tolerance-immigration-policy>. Acesso em: 10 fev. 2025.

MARIANO, K. et al. Do NAFTA ao USMCA: Trump e os interesses nacionais. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 54, 2019.

THE GUARDIAN. Trump's aid freeze will drive migration from Latin America, experts warn. **The Guardian**, 30 jan. 2025a. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2025/jan/30/trump-aid-freeze-latin-america>. Acesso em: 10 fev. 2025.

THE GUARDIAN. Trump's blitz of new policies gives anti-immigration beliefs a troubling platform. **The Guardian**, 21 jan. 2025b. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2025/jan/21/trump-immigration-policies>. Acesso em: 10 fev. 2025.

URBANO, J. Relações perigosas: Brasil e Estados Unidos na Era Trump. **Revista PETREL**, v. 7, 2025.

WHITE HOUSE. **National Security Strategy of the United States of America**, [?] dez. 2017. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.